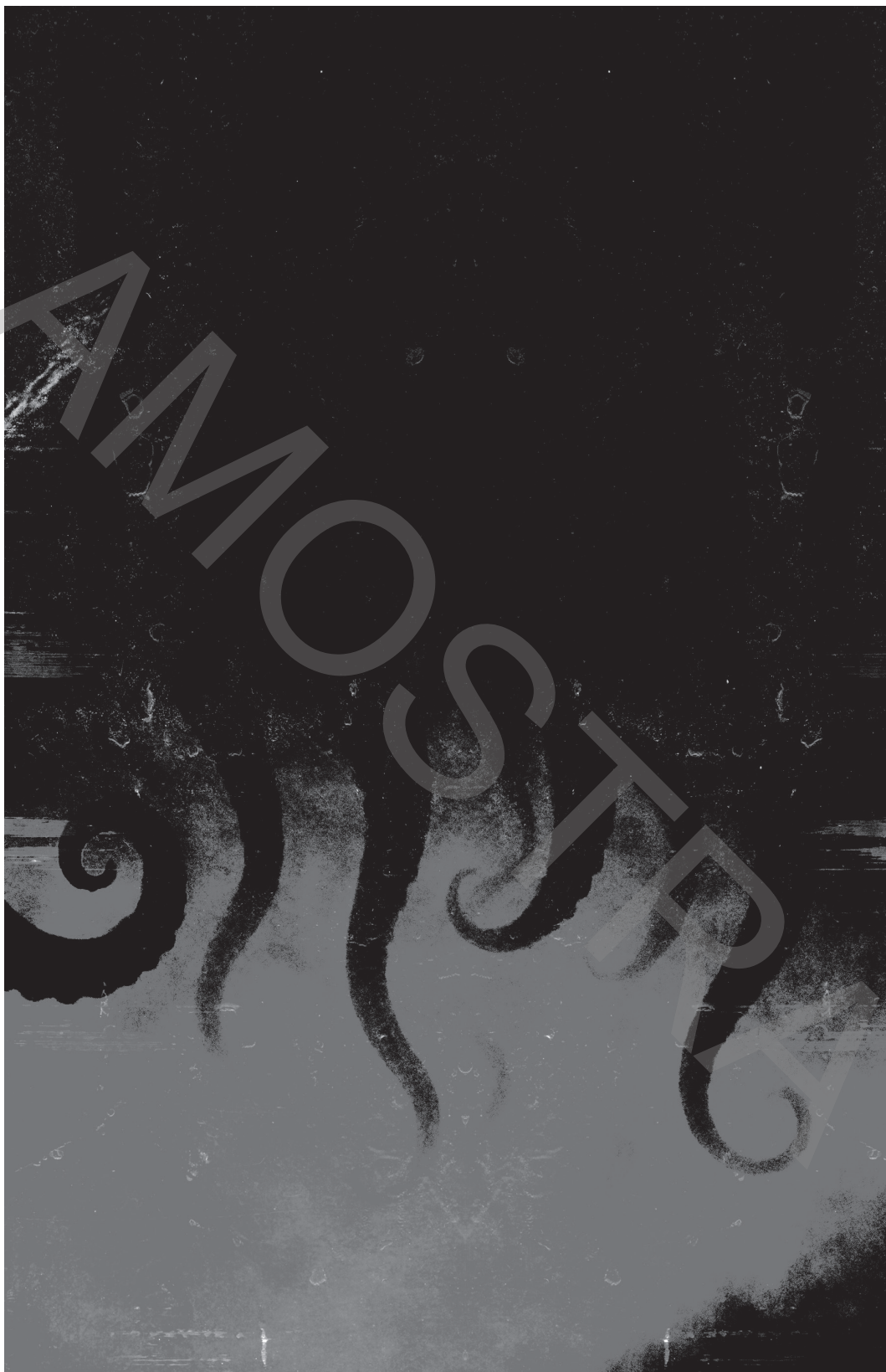
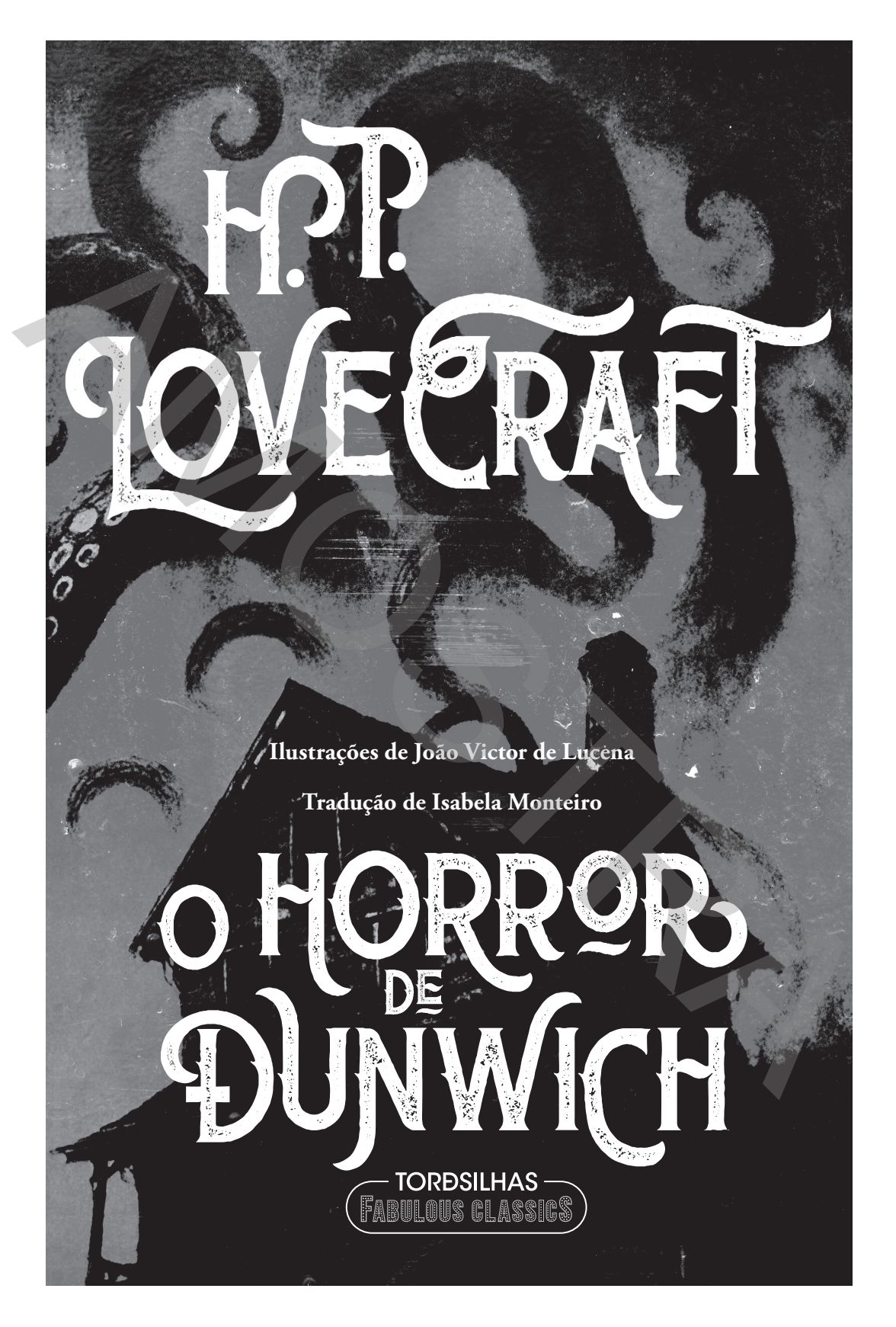


O HORROR DE DUNWICH







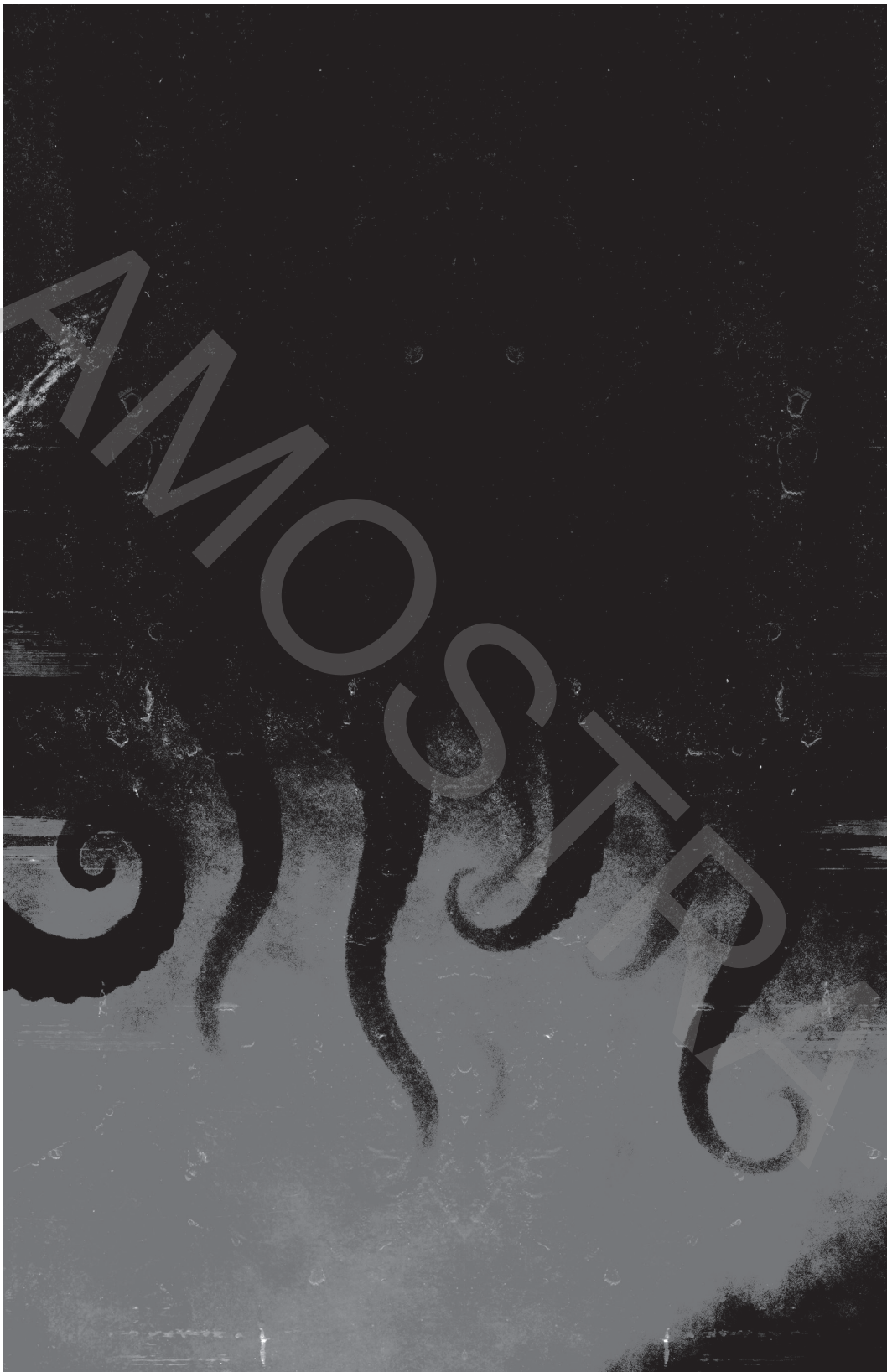
H.P. LOVECRAFT

Ilustrações de João Victor de Lucena

Tradução de Isabela Monteiro

O HORROR DE DUNWICH

TORDSILHAS
FABULOUS CLASSICS



INTRODUÇÃO



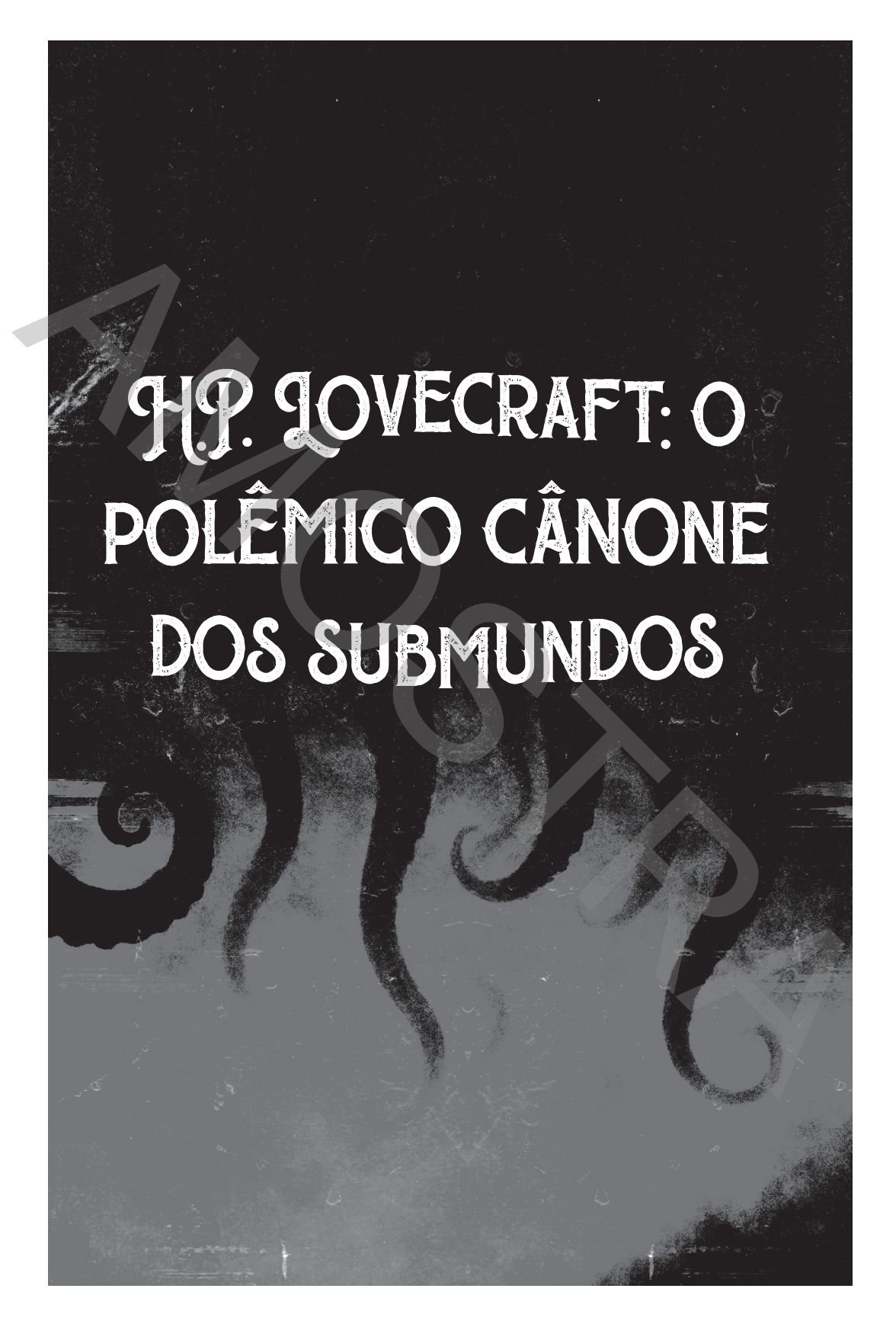
“Górgonas, Hidras e Quimeras — histórias horripilantes sobre Celeno e as Harpias — provavelmente se reproduzem no cérebro da superstição — *mas já existiam*. São transcrições, tipos — os arquétipos estão no nosso interior e são eternos. Senão como aquilo que, quando lúcidos, sabemos ser falso poderia nos afetar? Porventura concebemos naturalmente o horror a partir de tais objetos, considerados capazes de nos provocar danos físicos? Oh, de forma alguma! *Esses horrores são demasiadamente antigos. Datam para além do corpo* — ou, sem este, seriam os mesmos... O tipo de medo abordado aqui é puramente espiritual, intenso em proporção à sua falta de objetos terrenos, predominante no período da nossa imaculada infância... denota dificuldades cuja solução pode conceder alguma provável introspecção sobre nossa condição anterior à criação do mundo e uma espreitada, ao menos, da zona das sombras da preexistência.”

— Charles Lamb,

Witches and Other Night-Fears

["Bruxas e outros medos noturnos", em tradução livre.

Sem publicação no Brasil].



H.P. LOVECRAFT: O POLÊMICO CÂNONE DOS SUBMUNDOS



H.P. LOVECRAFT, UM MERGULHO PROFUNDO

Imagine um autor de histórias de terror. Agora, tente imaginar quais seriam os possíveis motivos que o levariam a mergulhar na criação desse universo. Seria ele um escritor atormentado por suas próprias sombras? Ou apenas alguém que se atrai pelo fantástico, pela possibilidade de criar um mundo regido por forças diferentes daquelas às quais estamos habituados? Pois existe no gênero do horror um quê subversivo. Uma certa inconformidade com as normas sociais e um flerte com o desejo de transgredi-las. Dependendo do autor, isso pode se traduzir na escrita a partir de diferentes recursos, assim como pode se manifestar por meio de diferentes motivações. Nem sempre conseguimos rastreá-las, mas a tentativa é sempre fértil. Ao nos debruçarmos sobre um clássico da literatura, estamos também abrindo uma janela para conhecermos um outro tempo. E é justamente o exercício de desvendar por que esse tempo ainda reverbera no nosso que torna um clássico inesquecível.

Se você faz parte da comunidade de entusiastas dos contos de terror, provavelmente já ouviu falar do nome de H.P. Lovecraft. Na verdade, tratando-se desse autor, não precisa nem ser exatamente fã do gênero para ter se deparado com alguma de suas obras. Pode ter sido uma breve menção em um texto aleatório, ou um vislumbre de seus livros em um sebo ou em uma coletânea de clássicos. Quem sabe você não tenha escutado outros autores e cineastas contemporâneos discutindo sobre sua relevância. Ou talvez tenha assistido algum filme inspirado em um de seus contos. No entanto, também é possível que este seja o seu primeiro encontro com

H.P. Lovecraft. Se for esse o caso, precisamos alertar que o autor é uma dessas figuras genialmente controversas, cujo nome marca não apenas uma época, como a transcende, alcançando outras gerações e instigando novos debates em torno de sua produção e biografia.

Mas voltemos à pergunta inicial: quais seriam as possíveis motivações que levariam um autor a mergulhar no universo do terror? Quando se trata de H.P. Lovecraft, essa questão se adensa em complexas camadas. Seria sua própria história de vida? A loucura que afligia seus pais, as doenças que acometiam seu corpo, a herança conservadora inglesa, a biblioteca de seu avô, sua adoração pelo cosmos e sua devoção aos estudos em astronomia, a influência de Edgar Allan Poe, mestre do terror, desde seus primeiros anos como leitor?

Em outra perspectiva, podemos reformular essa questão e deslocá-la para nós, leitores. Sendo assim, o que faria um leitor querer navegar pelos universos criados por H.P. Lovecraft? Ou melhor, o que motivaria, hoje, um mergulho profundo em suas obras? Afinal, há muitos outros autores contemporâneos que trabalham o gênero com renovado frescor, situando-o e expandindo-o a partir de contextos que se relacionam com a nossa própria realidade. Então, quais seriam as razões para escolhermos ler, nos dias atuais, um autor clássico como Lovecraft? Diversas são as respostas, mas uma delas está implícita na própria pergunta: o universo. Aliás, os universos. Os mundos criados por Lovecraft desafiam, até hoje, a racionalidade humana. Através de descrições minuciosas, referências científicas, e a interconectividade dos diferentes universos criados pelo autor – como o livro *Necronomicon*, por exemplo, que é apresentado em vários contos de Lovecraft –, as fronteiras entre realidade e ficção se tornam cada vez mais indistintas.

É assim em *O Horror de Dunwich*, uma das histórias mais clássicas de H.P. Lovecraft, na qual o caráter documental se manifesta através dos elementos folclóricos que apresentam, à primeira vista, o vilarejo fictício de Dunwich como qualquer cidadezinha do interior da Nova Inglaterra. No entanto, as lendas pagãs típicas da região servem apenas como pano de fundo para a construção de um universo disruptivo, cujas regras são estabelecidas por uma mente incansável, sempre disposta a questionar a soberania do ser humano sobre o desconhecido.

Desse modo, a pergunta “o que motivaria um leitor a mergulhar, hoje, no universo de H.P. Lovecraft?”, é também um convite. Não pretendemos exatamente respondê-la, preferimos deixar algumas pistas, inquietações sobre os mundos e criaturas de Lovecraft, sobretudo os de *O Horror de Dunwich*, que agora chegam até você em uma nova edição – afinal, todo clássico precisa de um novo fôlego. Novas palavras. Novos olhares. Novos leitores. Novas perguntas. Mas a mesma – e ainda assim, sempre nova – história.

MAS QUEM FOI H.P. LOVECRAFT?

Quando começamos a leitura de um clássico, frequentemente nos perguntamos qual terá sido a mente responsável por trazê-lo ao mundo. Isso porque um autor costuma ser indissociável de sua obra. Muitos são os teóricos que defendem a existência de um teor autobiográfico em toda criação. No entanto, quando se trata da invenção de mundos de horror, procurar pelos vestígios pessoais que permeiam uma história ficcional torna-se uma tarefa inquietante. Nela, os campos da subjetividade humana, com todas as suas falhas, labirintos e contradições, revelam-se ainda mais vastos.

Não poderia ser diferente com Howard Phillips Lovecraft, que mesmo após sua morte, continua emanando, de alguma forma, uma aura misteriosa. Um campo de atração tão intrigante quanto suas obras. Até hoje, sua biografia desperta o interesse de diversos estudiosos, que consagram o nome de Lovecraft como um dos maiores escritores norte-americanos. E quando mergulhamos na história de vida desse autor, suas obras parecem ganhar um outro tom, como se uma caixa de pandora tivesse sido aberta, liberando os monstros de Lovecraft do campo meramente ficcional para inscrevê-los na mais aguda realidade.

Nascido no final do século XIX nos Estados Unidos, H.P. Lovecraft foi um dos grandes responsáveis por revolucionar a literatura fantástica do terror, inserindo o contexto da modernidade – com todas as suas novidades e fantasmagorias – nas entranhas do gênero. E assim como seus contos e narrativas transbordavam dualidades e paradoxos, tensionando a curiosidade humana, o fascínio pelo conhecimento erudito e a impotência diante do sobrenatural, sua própria personalidade parecia imprimir essas mesmas características.

Imerso em contradições, H.P. Lovecraft cresceu em um ambiente conservador, tradicional e elitista, atravessado pelos transtornos mentais de seus pais e pelas doenças que o afastaram da educação formal e do convívio social. Em seus sonhos, o jovem Howard era assombrado por criaturas aterrorizantes que o visitavam todas as noites. Vivendo uma realidade perturbadora, H.P. Lovecraft encontra o seu refúgio na biblioteca do avô, um homem até então muito rico. Foi ali que ele se tornou um leitor especialmente fascinado pela física e astronomia, estudos que despertaram em sua mente, profundas especulações sobre as diferentes formas de vida que poderiam existir para além do seu próprio mundo particular. Participando do contexto científico da teoria evolucionista de Charles Darwin, e da física quântica em Einstein, Lovecraft assimila para si um traço que

viria a ser característico de praticamente todas as suas obras: a pequenez humana diante da vastidão do universo.

Ateu, mas um devoto fervoroso e obcecado pelos mistérios dos planetas. Aristocrata, porém, completamente falido. Um dos maiores escritores de terror, no entanto, pouco reconhecido em vida. Essas são apenas algumas das dicotomias que poderiam sintetizar Lovecraft. No entanto, sua biografia e produção literária escapam até mesmo às mais humildes e vãs tentativas de síntese. Enquanto leitores curiosos, talvez seja melhor nos contentarmos com a tal aura misteriosa que envolve H.P. Lovecraft, pois é esse o elemento que mantém tanto as suas obras, quanto o autor-personagem, ainda vivos e vibrantes mesmo depois de tantos anos.

❶ QUE OUTROS GRANDES AUTORES DO TERROR E FANTASIA TEM A DIZER SOBRE LOVECRAFT?

Existia alguma coisa no novo que assustava H.P. Lovecraft. Sua obsessão pelo desconhecido não se limitava apenas à incerteza sobre os seres habitantes de outros mundos – o cosmos ou as profundezas marinhas. Mas também refletia uma desconfiança sobre o seu próprio mundo, que se alterava em convulsões frenéticas. Para um conservador como Lovecraft, o início do século XX nos Estados Unidos, com toda a efervescência cultural traduzida sobretudo pelos imigrantes que chegavam ao país, era sinônimo de receio e aversão. Em meio a tantos preconceitos e neuroses, Lovecraft declarava uma recusa à modernidade, às suas revoluções e convulsões sociais, delirando em um retorno ao classicismo – um de seus objetos de estudo mais adorados.

Há quem diga que esta sombra de ódio que se arrastava junto do autor o levou a explorar os abismos da própria existência humana na terra. E

mesmo com todas as contradições que sua personalidade abrigava, Lovecraft transformou sua aversão à modernidade em universos autênticos onde, surpreendentemente, nenhum ser humano teria qualquer privilégio sobre o desconhecido. Todos, independentemente de quem fossem, estariam sujeitos às mesmas consequências.

Não à toa, H.P. Lovecraft é considerado por muitos autores como uma referência seminal para a consolidação do gênero de terror na literatura. Stephen King, um dos maiores escritores de fantasia e terror contemporâneos, menciona, mais de uma vez, que Lovecraft abriu as portas do gênero para ele, e que a sua visão sombria e perturbadora foram elementos únicos na criação literária. Diversas histórias de Stephen King foram diretamente influenciadas por Lovecraft, e ele está longe de ser o único contaminado pelos universos do autor. Neil Gaiman, autor conhecido sobretudo pelos quadrinhos *Sandman*, também figura entre aqueles que sempre tem alguma palavra a dizer sobre a influência do autor em seu próprio trabalho. Segundo Gaiman, Lovecraft definiu os temas e obsessões do horror do século XX, e à medida que entramos no século XXI, sua influência continua a perpassar os novos imaginários. Isso porque Lovecraft participou ativamente da transição entre o horror clássico e o horror moderno, uma vez que escolheu se afastar das histórias de fantasia e do gótico, para adentrar a visão de um mundo maligno. Um lugar, nas palavras de Gaiman, que seria cercado por maldade, loucura e coisas terrivelmente monstruosas. Coisas essas que estão o tempo todo tentando invadir nossas vidas banais, e que não se importam nenhum pouco com nenhuma delas.

TERROR E A LITERATURA: A FUNDAÇÃO DO HORROR CÓSMICO

Diante de uma figura tão questionável e, ainda assim, aclamada por suas criações, retornamos à pergunta inicial: por que ler Lovecraft nos dias de hoje? É precisamente pelo reconhecimento das camadas mais sombrias e profundas deste autor que somos convidados a conhecer suas obras, também por uma perspectiva histórica. H.P. Lovecraft foi um homem atormentado por muitos conflitos, mas sua literatura produziu, com engenhosidade, um retrato de uma modernidade por vezes assombrosa e fantasmagórica. Os seus fantasmas, porém, não eram em nada parecidos com aqueles tão disseminados no horror clássico.

Em Lovecraft, os monstros modernos são dotados de tentáculos, gosmas, e formas avessas à humanidade. Essa foi uma das principais características que elevaram sua produção a um lugar de destaque nos debates literários. Ao entrelaçar ciência, cosmologias, artefatos e criaturas de outros mundos, o autor estabeleceu um novo subgênero, chamado por ele de *Horror Cósmico* ou *Cosmicismo*. Uma mistura transgressora entre fantasia e ficção científica que redefine os formatos literários. Nesses novos termos fundados pelo autor, não era mais “o bem” e “o mal” do cristianismo que estavam em disputa, mas sim a terra e os planetas desconhecidos, os seres humanos e os seres ancestrais que vinham do futuro – ou de tempos imemoriais – com a intenção de reivindicar o que lhes é devido.

Diante dos avanços científicos de um século XX marcado por uma virada não apenas científica, como filosófica, os personagens de Lovecraft, geralmente homens comuns que se dedicam à ciência, ao conhecimento ou às artes ocultas, confrontam o medo do desconhecido em meio a uma solidão desoladora. Sentimentos como angústia, ansiedade e incomple-

tude surgem como traços reveladores de uma sociedade dividida entre o conservadorismo e a transgressão.

Em *O Horror de Dunwich*, essa cisão é estabelecida pelo contraste entre os moradores “*ianques*” do pequeno e assombrado vilarejo fictício de Dunwich e os acadêmicos da universidade mais próxima, que juntos desbravam o verdadeiro horror que assola as colinas da região. A história também representa um exemplo interessante da fronteira nebulosa que demarca a transição entre o clássico e o moderno no gênero do horror. Embora Dunwich seja repleta de lendas pagãs e rituais macabros ligados à bruxaria, é por meio do artefato *Necronomicon*, um livro cultuado pela família Whateley – que abordaremos mais adiante nesse texto – e no jovem Wilbur Whateley, que a monstruosidade interplanetária se manifesta. Se, à primeira vista, Wilbur parece uma figura remanescente de algum feitiço, ou do cruzamento interespecífico entre humanos e bodes – um elemento comum no terror pagão –, logo o enigma de sua fisicalidade revela-se como uma criação bem distante dos folclores terrestres e mundanos.

Nesse sentido, o Horror Cósmico utiliza recursos e estratégias específicos para provocar no leitor a sensação de terror e suspense, estabelecidos através da introdução de formas alienígenas, grotescas e até mesmo amorfas, em vilarejos pacatos que frequentemente são assombrados por lendas pagãs. É como se a banalidade do cotidiano, com suas fábulas e idiossincrasias, de repente respondesse a outras leis, sendo estremecida por eventos insólitos e extraordinários.

FRONTEIRA DILUÍDA ENTRE FICÇÃO E REALIDADE NA CIDADE DE DUNWICH: UM HORROR QUE VEM DA TERRA

Como o próprio território pode ser fonte de criação? É preciso uma escuta porosa, uma caminhada atenta, e, sobretudo, uma curiosidade latente pelos mistérios das histórias que nos transcendem. Quando começou a elaborar *O Horror de Dunwich*, H.P. Lovecraft já tinha escrito muitos dos textos que hoje são considerados seus maiores clássicos: *O chamado de Cthulhu* (1926), *A cor que caiu do espaço* (1927), *O horror em Redhook* (1927) e outros títulos que marcam sua trajetória pelos meandros do *Cosmicismo*. No entanto, após esse período de ebulição criativa, Lovecraft tomou seu próprio tempo até encontrar a novela de Dunwich, que foi inspirada em suas viagens pelo interior dos Estados Unidos, mais especificamente na região da Nova Inglaterra.

Massachusetts, Vermont e Wilbraham, com seus folclores, paisagens, colinas e registros arqueológicos, deixaram uma marca profunda no imaginário do autor, que transpõe muitos elementos desses lugares para o cenário fictício de Dunwich. Um vilarejo marcado por famílias unidas por laços consanguíneos, decadência e segredos sussurrados pela própria terra. Descrito como um povoado perdido na geografia, onde os forasteiros raramente escolheriam estar – chegando lá por acaso ou por engano –, Dunwich é cercado por vales, casebres muito antigos e um círculo de pedras no alto da colina, possivelmente inspirado pelos sítios megalíticos das regiões que Lovecraft visitou. Apesar de insalubre e árido, Dunwich é um território onde uma natureza selvagem e exuberante se manifesta.

Tendo tomado ciência das lendas dos bacuraus de Wilbraham, Lovecraft incrementa a paisagem sonora de Dunwich com os cantos pertur-

badores desses pássaros. Nas fronteiras do vilarejo, os bacuraus surgem sempre que alguma alma moribunda está fazendo sua passagem. Voando em uníssono e desespero, o som emitido pelas aves se sincroniza com as lamúrias da morte proferidas por aqueles que estão partindo.

São esses mesmos bacuraus que sobrevoam a biblioteca da Universidade de Miskatonic em um dos momentos mais catatônicos da narrativa. Aliás, esse é mais um diferencial em Lovecraft, que concede à espaços como bibliotecas, uma aura atrativa para criaturas malignas. É nessas redomas do conhecimento moderno que o horror inefável das ciências naturais pode ser manipulado por adoradores das forças ocultas, sendo liberado na superfície terrestre de forma incontornável.

Os homens eruditos são alguns dos personagens centrais das histórias do autor, mas em *O Horror de Dunwich*, eles se confrontam com a estranha família Whateley, cujo principal membro é o neto do velho Whateley, Wilbur, um menino com traços semelhantes aos de um bode, que cresce de maneira assombrosa. Filho de Lavínia Whateley e de um pai desconhecido, o menino logo surpreende os moradores do vilarejo com sua astúcia e desenvolvimento precoce. Após a morte do avô e o desaparecimento da mãe, os rumores sobre a propriedade da família e sobre o próprio Wilbur alcançam proporções ainda maiores

O rapaz, que teve contato com o livro *Necronomicon* deixado como herança pelo avô, embarca em uma peregrinação pelas bibliotecas mais renomadas em busca da obra completa, uma vez que seu avô lhe deu instruções claras para encontrar uma passagem da página 751, que está ausente no exemplar pertencente à sua família.

Algo sobrenatural parece estar se desenvolvendo dentro da residência de Wilbur, e mais do que isso, parece se espalhar pela terra, fazendo com que ela murmure sibilos e ruídos assustadores. Esses murmúrios, junta-

mente com outros sons e odores que se propagam por toda Dunwich, conferem à história um caráter sinestésico de horror. Em várias passagens, H.P. Lovecraft atribui um certo animismo à paisagem, pois não apenas a terra e o ar parecem reagir aos segredos da família Whateley, mas também os animais percebem frequências que passam despercebidas pelos seres humanos. Eles então as comunicam em seus cantos, como no caso dos bacuraus, em seus uivos e grunhidos, quando se trata de cães e lobos, ou até mesmo em seus próprios corpos, como as deformidades que ocorrem no gado da região.

Nessa atmosfera perturbadora criada por Lovecraft, os “rumores da colina”, “tremores da terra”, “latidos de cachorros”, e outras descrições detalhadas utilizadas ao longo da narrativa de Dunwich, constroem uma paisagem muito singular. Através desse artifício, é como se fossemos transportados ao território fabulado, e nessa transposição, uma suposta realidade parece emergir. Ursula K. Le Guin, escritora de fantasia e ficção especulativa, em seu ensaio *From Elfland to Poughkeepsie* (1973), mencionou a capacidade da literatura fantástica de causar arrepios na pele dos leitores. Essa sensação de estar diante de algo muito real é exatamente o que Lovecraft busca alcançar com suas descrições minuciosas. Até porque, uma vez que a cidade de Dunwich é descrita de forma tão específica, parece impossível não acreditar que ela tenha de fato existido.

NECRONOMICON – O GRANDE PERSONAGEM DE LOVECRAFT?

Seria o *Necronomicon* o grande personagem de H.P. Lovecraft? Considerado por muitos estudiosos e biógrafos do autor como um de seus maiores legados para a literatura, o “livro pavoroso”, capaz de despertar as

mais horrendas criaturas malignas, atravessa diversas de suas histórias, transgredindo a função de intertextualidade, para compor um universo particular.

O livro teria sido escrito por Abdul Alhazred, “um poeta louco de Sanaá, no Iêmen” ou então “apenas um muçulmano indiferente, que adorava entidades desconhecidas que chamava de Yog-Sothoth e de Cthulhu”. É assim que H.P. Lovecraft descreve o autor de *Necronomicon* em um texto de pseudo não-ficção, particularmente sagaz, intitulado *História do Necronomicon*. Nele, o autor traça uma possível cronologia do livro, suas traduções e tradutores, assim como dos lugares no mundo onde suas diferentes versões podem ser encontradas.

Mais uma vez, borrando os limites entre a ficção e a realidade, Lovecraft respondeu às cartas que recebeu, nas quais seus leitores o questionavam se *Necronomicon* era real ou não, com um texto que provocava novas dúvidas. E isso porque muitos dos nomes mencionados fazem referência a estudiosos e eruditos reais, assim como a bibliotecas também verdadeiras. Ao mesmo tempo, outros dados são completamente ficcionais, como a entidade Yog-Sothoth, que faz uma aparição em *O Horror de Dunwich*. Embora os fragmentos de *Necronomicon* estejam espalhados em várias outras obras, é nessa que o livro figura como elemento central para a construção de todo o enredo da trama.

LOVECRAFT E SEUS TENTÁCULOS PELA CULTURA POP

De cineastas do cinema fantástico como Guillermo del Toro a bandas de rock como Metallica e Black Sabbath, Lovecraft tem dezenas de filmes e músicas inspirados em suas obras. Os exemplos mais famosos são *The*

Call of Ktulu, uma música da banda Metallica presente no álbum instrumental *Ride the Lightning* (1984), que faz referência ao icônico Cthulhu. A essência do conto *O Chamado de Cthulhu* aparece na composição a partir da atmosfera pesada e sombria, com uma narrativa quase épica. Já em Black Sabbath, *Behind the Wall of Sleep*, música que faz parte do álbum de estréia da banda em 1970, remete ao universo do autor pelas referências a sonhos, criaturas ocultas e um mundo sombrio traduzido na composição sonora.

No mundo do cinema, o universo lovecraftiano foi referenciado em inúmeras produções ao longo dos anos, desde longa-metragens e documentários até curta-metragens e filmes-ensaios. Entre os mais conhecidos estão: *Re-Animator* (1985), dirigido por Stuart Gordon, é uma adaptação livre do conto *Herbert West — Reanimator* e se tornou um clássico do cinema de terror; *Dagon* (2001), também dirigido por Stuart Gordon, explora elementos do mito de Cthulhu; *O Chamado de Cthulhu* (2005), produzido pela H.P. Lovecraft Historical Society, é uma adaptação fiel do conto de mesmo nome e foi filmado no estilo do cinema mudo da década de 1920; *Lovecraft: Fear of the Unknown* (2008), dirigido por Frank H. Woodward, documentário que examina a vida e o legado de Lovecraft, apresentando entrevistas com escritores, artistas e estudiosos que discutem a importância de sua obra, entre eles Neil Gaiman e Guillermo del Toro; *A Cor que Caiu do Espaço* (2019), dirigido por Richard Stanley e estrelado por Nicolas Cage.

AFINAL, POR QUE LER HP LOVECRAFT HOJE? A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS

É aterrado nessa areia movediça que H.P. Lovecraft se consagra, quase um século após a sua morte, como um dos grandes escritores do gênero de horror. E mais do que isso, também como um dos clássicos presentes em todas as listas de referência sobre o assunto. Muitos são os motivos para isso, alguns já foram abordados até aqui, mas a dúvida que ainda paira é: por que ler Lovecraft quando já temos toda uma literatura e filmografia de terror que, à primeira vista, podem parecer mais interessantes?

Clássicos têm uma conexão com a história. Um clássico é assim chamado não apenas porque marca o seu tempo e, por isso, é revisitado, mas também porque ele é atualizado de acordo com as gerações, e a cada novo leitor, uma nova interpretação sobre aquele determinado período histórico pode emergir. Os clássicos, então, também estão relacionados ao novo. Eles são uma catapulta que, a partir de uma janela para o passado, nos projeta para um futuro. Pois os clássicos são clássicos porque não se adequam propriamente à sua própria época. Há uma rebeldia nos clássicos que nem sempre é mencionada, uma certa ousadia, um desejo de experimentação. E com Lovecraft, isso é ainda mais intrigante, já que ele próprio era uma figura extremamente conservadora. No entanto, novas temáticas passam a ser exploradas depois de sua literatura, e apesar dos traços repreensíveis de sua personalidade, seus mundos foram eficientes ao se disseminarem por toda cultura pop.

Filmes com astros de Hollywood, séries produzidas por grandes plataformas de streaming digitais, box com coletâneas de livros do autor e ensaios sobre a sua obra que foram recentemente traduzidos e publicados. Os exemplos não param de palpar e parecem indicar uma urgência cres-

cente em olhar para a obra de Lovecraft, assim como para a sua história, permitindo que elas nos olhem de volta e nos transmitam algo importante sobre nosso próprio tempo. Sobre os monstros que ainda precisamos escutar e sobre os mundos que não precisam mais ser conservados.

Pois sempre parece haver algo que escapou, algo que não foi dito, alguma informação perdida. H.P. Lovecraft era um homem do mundo antigo, assombrado pelo mundo moderno. No entanto, na literatura, ele se lançou ao futuro sem qualquer resquício de medo. Pois as histórias mundanas e cristãs criadas em seu tempo não lhe pareciam suficientes. Lovecraft precisava transcendê-las. Assim, mirando nas estrelas e nos submundos, surgem as criaturas que nós, humanos, não podemos conter. No fundo, talvez elas espelhassem o seu receio pelo novo, mas suas palavras provaram que, mesmo temeroso, Lovecraft não questionava o poder daquilo que irrompe repentinamente, como monstros indiferentes a qualquer ordem vigente.



CAPÍTULO

-1-



No centro-Norte de Massachusetts, no cruzamento na estrada de Aylesbury logo após a cidade de Dean's Corners, um viajante toma a bifurcação errada, deparando-se com um vilarejo isolado e peculiar. O terreno, que se torna mais elevado, possui paredes de pedra rodeadas por sarças e um curso de estrada cada vez mais estreito, poeirento e sinuoso. As árvores das múltiplas regiões florestais parecem demasiadamente grandes, e as ervas-daninhas, os espinheiros e a relva detêm certa luxúria raramente vista em regiões povoadas. Ao mesmo tempo, os campos cultivados são singularmente escassos e áridos, enquanto as casas esparsas são surpreendentemente uniformes em sua velhice, miséria e dilapidação. Sem saber o porquê, hesitamos em pedir coordenadas às figuras retorcidas e solitárias que vislumbramos vez ou outra nas portas caindo aos pedaços ou nos prados rochosos em declive. São figuras tão silenciosas e furtivas que nos sentimos, de certo modo, confrontados por coisas proibidas, com as quais é preferível não ter contato. Quando uma elevação na estrada deixa as montanhas à vista sobre a taciturna floresta, intensifica-se o estranho sentimento de inquietação. Os cumes são demasiadamente redondos e simétricos para nos trazer a sensação de conforto e naturalidade, e às vezes o céu delineia com excessiva clareza os estranhos e altos círculos de pilares de pedra, com os quais a maior parte dos cumes é coroada.

Desfiladeiros e ravinas de uma profundidade incerta interceptam o caminho, e as pontes rudimentares de madeira sempre aparentam uma segurança questionável. Nos declives da estrada há trechos pantanosos que causam repulsa, e, de fato, quase pavor à noite, quando bacuraus furtivos tagarelam e vaga-lumes saem em profusão anormal para dançar ao som